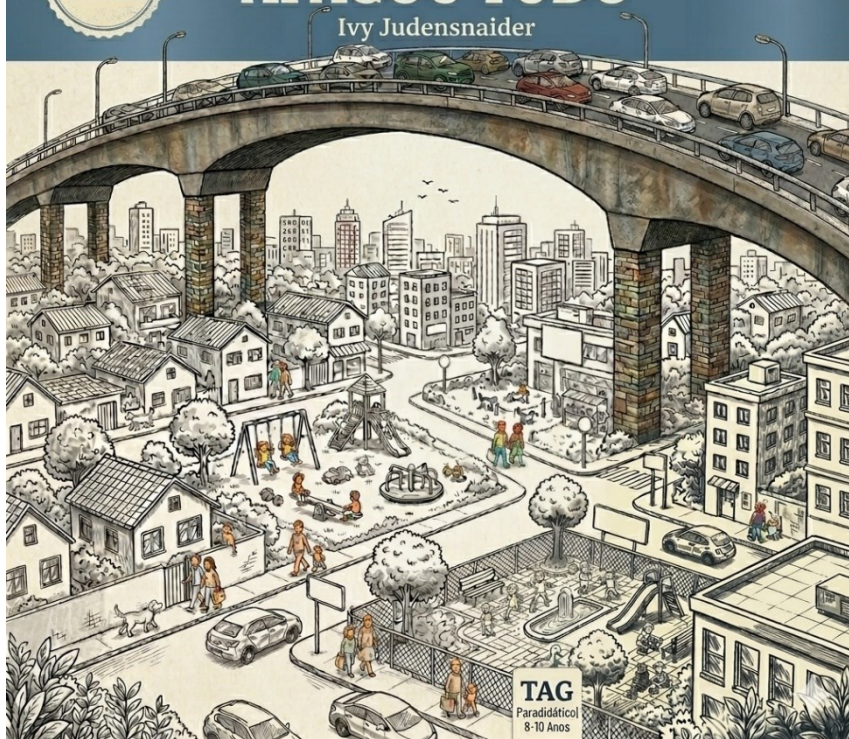


Paradidático
8-10 Anos

O VIADUTO QUE APAGOU TUDO

Ivy Judensnaider



TAG
Paradidático
8-10 Anos

Copyright © 2026 Ivy Judensnaider

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Judensnaider, Ivy
O viaduto que apagou tudo [livro eletrônico] /
Ivy Judensnaider. -- São Paulo : Ed. da Autora, 2026.
PDF

ISBN 978-65-02-16068-8

1. Ensino fundamental 2. Vulnerabilidade
3. Urbanização I. Título.

26-367889.0

CDD-372.41

Índices para catálogo sistemático:

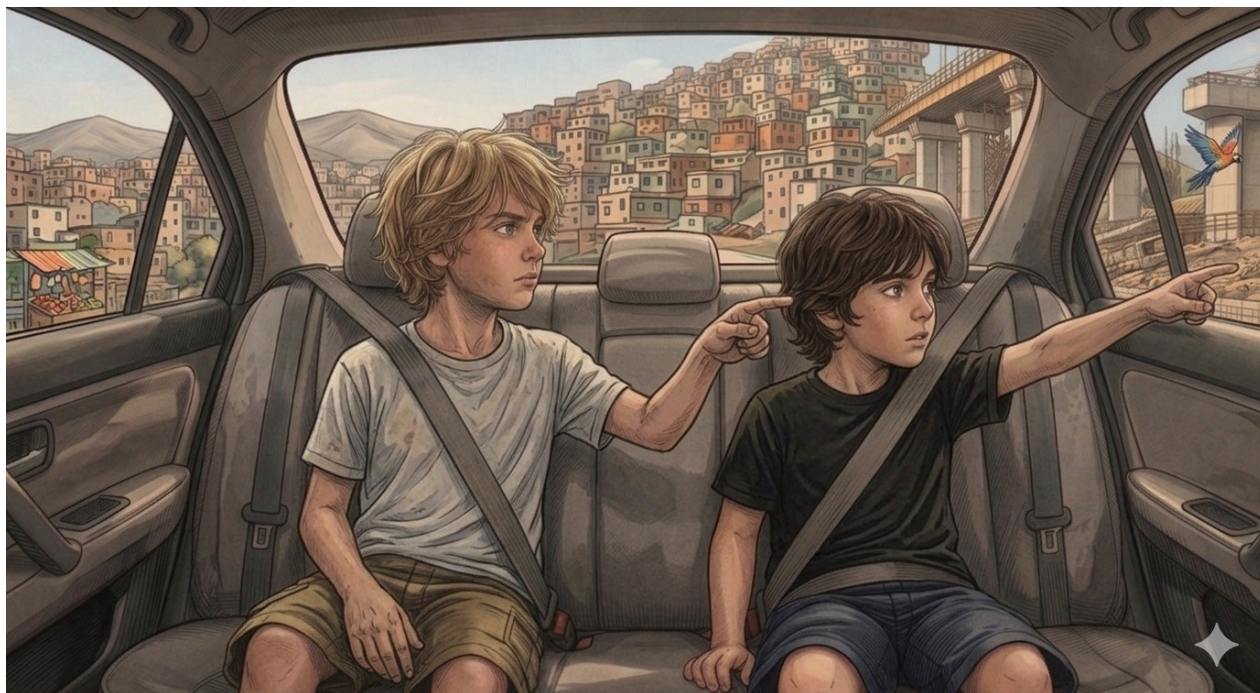
1. Ensino fundamental : Educação 372.41

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/O

Esta obra está sob a Licença **Creative Commons**
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional
(CC BY-NC-ND 4.0).

As ilustrações foram geradas por inteligência artificial através das ferramentas
Google Gemini e ChatGPT (OpenAI)
sob direção e edição da autora
Ivy Judensnaider – São Paulo, SP

*Ao amigo e professor Adilson Rodrigues Camacho,
que me mostrou as cidades visíveis e as invisíveis*



– Mãe, o que é aquilo ali?

A voz de Marcos assusta a mãe, que dirige o carro atentamente.

– Ah, estão construindo um viaduto, querido.

– E para que serve um viaduto, mãe? – pergunta Leo, mais curioso ainda.

– Para ficar mais fácil andar de carro.

No dia seguinte, Marcos e Leo passam novamente pelo local.

– Quem são aquelas pessoas, mãe? – pergunta Leo, as mãozinhas à janela do automóvel.

– São os moradores das casas. Elas serão derrubadas, filho, para que o viaduto possa passar.



– E o que vai acontecer com as pessoas que moram aí, mãe?

– Não sei, Leo. Não sei, querido...

Os irmãos desistem de fazer perguntas para a mãe e vão tentando entender sozinhos.

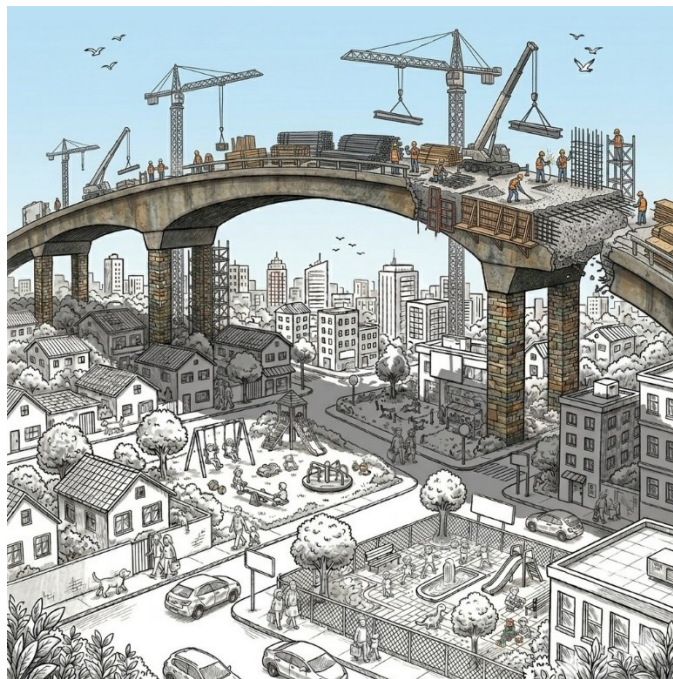


Descobrem que viaduto é algo que passa por cima das coisas.

O viaduto cria estrada onde não existe nada, inventando caminho no ar.

O ar deixa de ser de todos e vira rua para rodas e fumaça.

Abaixo do viaduto, só se vê a sombra do que está sendo construído acima.



Máquinas são usadas para arrancar tudo que fica no caminho do viaduto.

Os dentes das máquinas vão comendo árvores, pedras, cachorros e os brinquedos das crianças.



O viaduto quer nascer e crescer.

Máquinas também têm mãos fortes e poderosas.

As mãos das máquinas dão socos nas paredes das casas onde moravam as crianças e os brinquedos.



– Mãe, o que aqueles guardas estão fazendo lá? E os caminhões, que estão levando as casas?

– Não sei, Marcos...

Os guardas tiram as pessoas que não querem sair das casas.

Os guardas explicam para os moradores que eles terão que se mudar para outro lugar.

Os guardas não sabem dizer para onde os moradores devem ir.

Marcos e Leo contam, a cada dia, menos uma casa no terreno de onde as máquinas arrancam terra.



Os irmãos descobrem que, para crescer, as cidades não pedem licença.

As cidades vão se espreguiçando, se encompridando, ficando com as pernas e os braços cada vez maiores.

As cidades crescem, para cima, para baixo e para os lados. Para crescer, elas precisam comer o espaço.

Quando as cidades crescem, os pássaros e as árvores fogem assustados.

Quando as cidades crescem, os jardins ficam cada vez mais tímidos, os edifícios mais altos e as ruas mais apertadas.



No caminhão, as casas derrubadas são colocadas em cima de outras casas derrubadas.

As máquinas engolem as casas e cospem as paredes e os móveis por cima das outras casas.

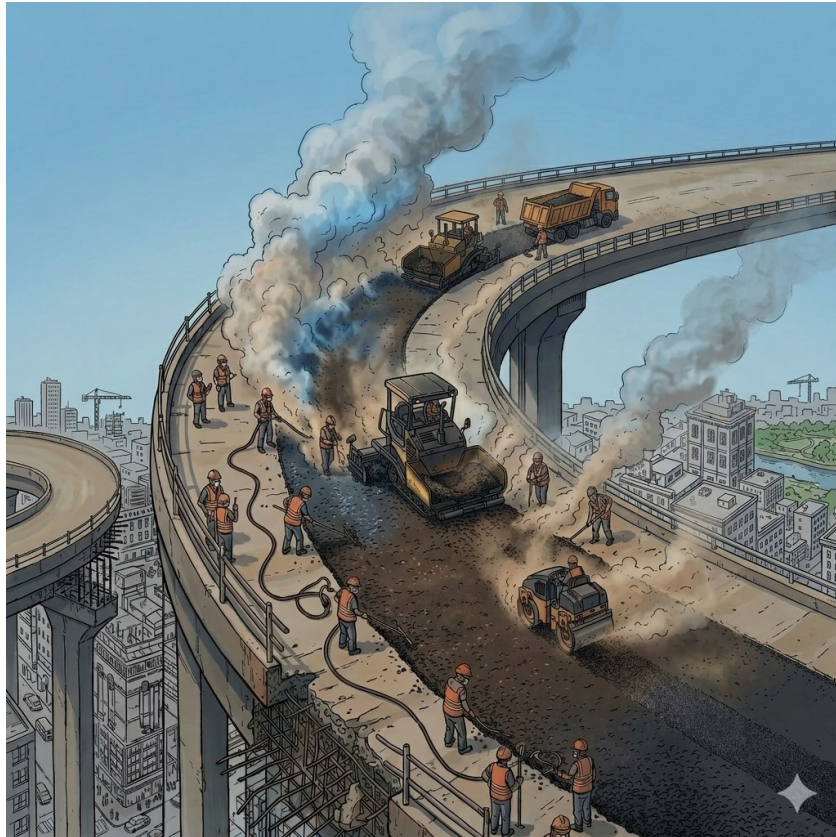
No caminhão, as casas vão virando um edifício torto e engraçado.



O viaduto já está quase pronto e chegam as máquinas de fazer asfalto.

O viaduto fica escuro.

A fumaça das máquinas de fazer asfalto deixa um cheiro ruim no ar.



Na televisão, um homem avisa que o viaduto será inaugurado.

– O que é inauguração, mãe? – pergunta Leo.

– É uma festa. Como se fosse aniversário. Como se fosse para comemorar o nascimento do viaduto.

– Vai ter festa mesmo, mãe? Com bolo e tudo?

Não tem festa, bolo ou palhaço. Os carros começam a deslizar pelo asfalto novo.

Os carros passam velozes pelo viaduto e não lembram o tempo em que não havia caminho ali.

Todos se acostumam com o asfalto lisinho e ficam felizes de perceber que ficou mais fácil e rápido andar de carro e chegar nos lugares.



As pessoas, os brinquedos e os animais que moravam na comunidade mudaram para outras casas, bem longe.

Cada vizinho foi para um canto diferente da cidade.

Na televisão, uma jornalista conta que, nas novas casas, os antigos moradores têm mais espaço. As ruas são limpas e há luz e água corrente.

As cidades são como a gente. Crescem, e se esquecem do tempo em que ainda não existiam.

Na cidade, os que estão dentro do carro admiram a beleza do viaduto.

Na cidade, os que passam pelo viaduto não lembram daquelas pessoas, tampouco dos seus brinquedos, dos seus sonhos e das suas vozes.

Os meninos lembram.

Eles lembram as casas, as crianças, os brinquedos
e os cachorros.





Você pode baixar e compartilhar o livro com quem quiser,
não esquecendo de dar o crédito à autora.
Você não pode alterar a obra ou usá-la para fins comerciais/lucrativos.
Vamos manter o conhecimento circulando livremente!

Exemplar gratuito. Proibida a venda.